

De toda calamidade
Eis que renasce a esperança;
As trevas caem vencidas,
O mundo progride e avança.

Natal!... A fé se renova...
Clama o Céu que se descerra:
- “Louvor a Deus nas Alturas
E paz aos homens na Terra!...”

Natal!... E todos cantamos
Tocados de nova luz:
- “Jesus reina!... Jesus vence!...
Louvado seja Jesus!...”



MEIMEI

OUTRO CONTO DE NATAL

NATAL!... Estrelas ao alto
São pontos de luz e arminho...
Caminhando esfarrapado,
Tropeça o pobre Joãozinho.

Dez anos de idade apenas,
Rolando ao calçado roto,
Tem febre, não sabe o rumo
Para o descanso no esgoto...

“Hosanas! Jesus nasceu!...”
Cantam vozes cristalinas,
Guirlandas pendem no ar,
Brilham bolas nas vitrinas.

Muitos carros vão passando,
 Muita gente vai e vem,
 Ele, no entanto, vai só
 Sem atenção de ninguém.

Sente frio, sede e fome...
 Vê-se tonto em tanta luz...
 Um grupo passa exaltando:
 - "Louvado seja Jesus!..."

Por fim, alcança uma casa,
 Bate à porta e pede pão,
 O dono agride: - "Cai fora!...
 Tão pequenino e ladrão!..."

Tremendo, afasta-se e pede
 Um copo d'água num bar,
 Um jovem grita: - "Chicote
 É tudo o que vou te dar..."

Arrasta-se amedrontado,
 Prossegue gemendo em vão,
 Até que desanimado,
 Joãozinho tomba no chão.

Agora sente-se em paz,
 Repousa e pensa, porque
 Caiu num recanto escuro,
 Quem passa não mais o vê.

O pequeno chora e conta,
 Na mágoa que o desconforta,
 O tempo de solidão
 Depois da mãezinha morta.

Quantas noites na calçada!...
 O menino não se esquece...
 Mãe morta, casa fechada,
 E mais ninguém que o quisesse...

Quantos dias de penúria
 Atravessara a sofrer?
 Quanto tempo de orfandade?
 Não saberia dizer...

Não desconhece, no entanto,
 Que sofre e que está sozinho...
 Por isso mesmo, cansado,
 Recorda e chora baixinho...

Natal vibrando!... Não mais
 A casa de antigamente...
 Quem viria agoravê-lo?
 Quem lhe daria um presente?...

Nisso, um moço de olhar brando
 Surgiu e disse-lhe: - ‘‘João,
 Escute! Que faz você
 Aí deitado no chão?...’’

Ele responde: - “Ah! senhor,
O Natal é hoje e eu...
Eu choro sentindo a falta
De minha mãe que morreu...”

Sentou-se o recém-chegado
E, ao retirá-lo do pó,
Acrecentou com bondade:
- ‘‘Mas você não está só...’’

“Que espera hoje?” - indagou
A voz serena e invulgar -
“Um companheiro, um cãozinho,
Um carro para brincar?”

“Deseja uma pipa grande
Ou quer um grande balão?
Estimaria outra coisa?
Que quer você? Fale, João...”

O pequeno esclareceu
De olhar triste e fatigado:
- ‘‘Ah! senhor, eu só queria
Ter minha mãe ao meu lado!...’’

O visitante exclamou
De expressão mais doce e bela:
- ‘‘Pois vou levá-lo, Joãozinho,
A fim de viver com ela!...’’

Gritou João abrindo os braços,
 Magros braços seminus:
 - "Mas o senhor quem é mesmo?..."
 E o moço disse: - "Jesus!..."

Naquela nesga de rua
 Esquecida e esburacada,
 Brilhava um clarão divino
 Na sombra da madrugada.

Viu-se João num colo amigo,
 Tudo paz em derredor...
 A Terra ficava longe,
 O Céu ficava maior!...

As vozes no firmamento
 Soavam plenas de amor:
 - "Hosanas! Jesus nasceu!..."
 Louvado seja o Senhor!..."

No coração do menino
 Da angústia nada mais resta,
 Sob o fulgor da esperança,
 Tudo alegria de festa!...

De manhã um verdureiro,
 Ao fitá-lo em desconforto,
 Pôs-se a chamá-lo de leve,
 Mas Joãozinho estava morto.



FRANCISCA CLOTILDE